INVESTIGAÇÕES SOBRE A IMIGRAÇÃO HAITIANA EM BETIM-MG: TERRITORIALIDADE E SUBJETIVIDADE - APROXIMAÇÕES COM A PSICOLOGIA

RESEARCH ON HAITIAN IMMIGRATION IN BETIM-MG: TERRITORIALITY AND SUBJECTIVITY - APPROACHES TO PSYCHOLOGY

Gracielle Gomes dos Santos[1]
Lilisane de Cassia Silva[2]
Giselle Reis Brandão[3]

RESUMO: Este texto é fruto de uma primeira experiência em pesquisa, no contexto do Estágio Obrigatório em Pesquisa, no Curso de Psicologia da Fapsi – PUC Minas, Unidade de Betim, no ano de 2018. O objetivo da investigação foi compreender e analisar a percepção de imigrantes haitianos vindos para Betim-MG, acerca de suas experiências de imigração neste território, os impactos subjetivos e estratégias de sobrevivência. Investigou-se, inicialmente, de maneira exploratória a Ong Associação de Promoção Social e Serviços Especiais de Minas Gerais (APSSEMG), em Betim; o Centro Zanmi, do Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados, em Belo Horizonte e uma Unidade Básica de Saúde no Bairro Marimba, em Betim. Foram realizadas entrevistas abertas junto a três famílias de haitianos, acompanhadas semanalmente, configurando-se um processo de pesquisa-intervenção. As visitas iniciais exploratórias mostraram que inexiste o exercício de uma política pública para imigrantes na cidade de Betim, obrigando os imigrantes a se deslocarem para Contagem, quando buscam algo mais específico tanto em termos de saúde, educação quanto em acontecimentos culturais. Diferentemente, o município de Contagem apresenta o exercício de uma política publica um pouco mais organizado. Os encontros com as três famílias de imigrantes revelaram sobre a importância da materialidade da vida na constituição da subjetividade e também na reprodução das relações de poder e de gênero, embora esta última dedução associativa não fora nosso objetivo inicial. Os relatos evidenciam histórias de pessoas que lutam em busca de um território e por uma territorialidade para existirem, preservando seus valores, tradições, sua língua, mas também abrindo para novas construções objetivas e subjetivas. Em decorrência dessa experiencia, as autoras concorreram ao Edital 078/2018 Probic Fapemig, da PUC Minas, onde terão a oportunidade de aprofundarem os caminhos apresentados por esta pesquisa-intervenção.
PALAVRAS-CHAVE: Imigração haitiana; Territorialidade; Subjetividade.

ABSTRACT: This article is the result of first search experience, in the subject Estágio Obrigatório de Pesquisa context, offered in Fapsi' Psychology course in PUC Minas Betim, in the year of 2018. The goal of this investigation was to understand and analyze the perceptions of Haitian immigrants that came to Betim-MG, regarding their immigration experience to this place, and the impacts and strategies to survive in this new context. It was first investigated, in an exploratory way, the NGO Associação de Promoção Social e Serviços Especiais de Minas Gerais (APSSEMG) in Betim; the Centro Zanmi, from Serviço Jesuita a Migrantes e Refugiados, placed in Belo Horizonte, and in a Unidade Básica de Saúde, in the neighborhood Marimba, Betim. It was performed open interviews with three haitian families, that were monitored weekly, providing a process of search-intervention. The first exploratory visits showed that there is no act of a public politic for immigrants in Betim city, forcing the immigrates to move to Contagem when they are looking for something more specific both in terms of health and education and, also, cultural movements. The city of Contagem, differently, has a better organization of their publics politics practices. The meetings with the three immigrants' families revealed about the importance of life's materiality in a constitution of subjectivity and in the reproduction of power and gender relations, although this last associationism deduction wasn't part of the previous goal. The reports emphasized histories of people that fight for a place and for territoriality to exist, maintain their values, traditions, their language, but also open themselves for new objectives and subjective development. As a result of this experience, the writers applied for the public notice 078/2018 Probic Fapemig, from PUC Minas, where they will have the opportunity to developing the plans presented on this search-intervention.

[1] Graduanda do curso de Psicologia da PUC Minas - Campus Betim. gracielle.sgomes@gmail.com
[2] Graduanda do curso de Psicologia da PUC Minas - Campus Betim. lilisanesilva@gmail.com
[3] Professora da FAPSI - PUC Minas – Doutora em Psicologia Social do Trabalho UFMG-CNAM-Paris. grbrandao40@gmail.com

Dossiê
Esculpindo a Psicologia: 60 anos da FAPSI PUC Minas

Submetido em: 08/02/2019
Aceito em: 15/03/2019

KEYWORDS: Haitian immigration; Territorialidade; Subjectivity.

1 INTRODUÇÃO

Há muito que entender no fenômeno da migração, embora este não seja novo na história mundial. A busca por novas fronteiras não é uma questão apenas de deslocamento geográfico, mas, sobretudo, de fatores históricos, sociais e culturais de povos que se veem obrigados a se deslocar, na esperança de terem acesso aos direitos fundamentais como o do trabalho, o da moradia digna, o da liberdade de crença ou religião, ou mesmo a reconstrução de laços familiares, entre outros motivos psicossociais de alto impacto, tanto para quem se desloca, quanto para a sociedade que o recebe. Por isso, o tema porta uma complexidade multi e interdisciplinar, podendo ser abordado por vários campos científicos e sob distintas perspectivas.

Nas duas últimas décadas, um dos povos que mais tem buscado o território brasileiro e, em especial, Betim, localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte- RMBH, para viverem, são os haitianos. Este fato vem nos chamando atenção, desde o ano de 2017, quando o assunto foi tratado no contexto da Jornada de Psicologia do Curso de Psicologia da PUC Minas Betim, iniciando-se uma parceria de trabalho com os pesquisadores Prof. Duval Fernandes e Maria Consolação Castro. Um segundo passo foi torná-lo objeto de investigação, por parte de um grupo de alunos[4] no Estágio Básico de Pesquisa, inserido na grade curricular do referido curso. Após um ano de investigações teóricas e empíricas, um terceiro passo foi dado, pelas alunas autoras deste texto, que concorreram à seleção do Edital 078/2018 Probic-Fapemig 2019, sendo o projeto selecionado.

Novos caminhos virão. O presente texto é uma síntese deste trabalho iniciado e que, orgulhosamente, vem compor o Dossiê da Revista Pretextos nas comemorações dos 60 anos da Faculdade de Psicologia da PUC Minas.

Nosso interesse tem sido conhecer melhor a experiência da imigração haitiana, na confluência entre os anseios e necessidades destes imigrantes com as condições concretas por eles encontradas, envolvendo as políticas nacionais de acolhimento, suas diretrizes legais, as formas de acesso, de inclusão e de oportunidades na dinâmica social, em especial, junto aos serviços de saúde, de educação e de trabalho por eles frequentados. Partimos das experiências sociais concretas dessas pessoas para compreendermos os impactos nos seus processos subje-

[4]Diego Philipe da Silva Chagas; Giliani Reis Targa; Gracielle Gomes dos Santos; Lilisane de Cássia Silva; Maria Célia; Natan Carlos da Silva, alunos cursando o 2º e o 3º perídos do Curso de Psicologia da Fapsi Puc Betim.

tivos, como nos ensina a Psicologia Sócio-histórica (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 2008; CODO, LANE, 2012; GONÇALVES, 2007).

Esta é uma dimensão da experiência da imigração ainda pouco discutida e investigada pela própria Psicologia e que muito nos interessa ouvir e compreender. Diante disso, nos perguntamos: Quem são esses seres humanos, para além do rótulo de imigrantes? Como se sentem em terras estrangeiras e como têm sido seus recursos de adaptação? O que desejam neste novo espaço social e subjetivo? Como a Psicologia pode ajudá-los?

Duas fontes de dados nos auxiliaram a compreender estes movimentos migratórios em Minas Gerais: o Relatório de Pesquisa intitulado Direitos Sociais de Imigrantes Haitianos na RMBH, realizado pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão Direitos Sociais e Imigração, coordenado pela Profa. Maria da Consolação Gomes de Castro (Assistência Social) e pelo Prof. Duval Fernandes (Geografia); e o Relatório de Pesquisa intitulado Diagnóstico sobre Migração e Refúgio em Minas Gerais, realizado pela Cooperativa de Trabalho de Professores Universidade Livre Ltda, sob a coordenação dos professores Dimas Antônio de Souza (Ciências Sociais), Marilene G. Durães (Direito) e João Alves de Souza Junior, formado pela PUC Minas. Para a finalidade de citações destes textos, adotaremos a abreviação "PUC Minas RDSIH-RMBH (2016)" para a primeira fonte e a abreviação "Coop.UnivLivre (2017)" para a segunda fonte. Outros conceitos da Geografia, como o de territorialidade (HAESBAERT, 2004; VALE, 2007; SANTOS, 2006) e da Antropologia Social, relacionando a imigração aos impactos na saúde mental (LECHNER, 2007;2009) foram incluídos.

Empiricamente, precisamos fazer alterações no plano metodológico inicial, deixando para um segundo plano a investigação junto aos atores/serviços públicos de saúde, de educação e de trabalho. Realizamos uma visita numa unidade de saúde do Bairro Marimba, em Betim; no Centro Zanmi, em Belo Horizonte, e encontros com a representante da ONG Associação de Promoção Social e Serviços Especiais de Minas Gerais (APSSEMG), em Betim; com o presidente da Associação dos Imigrantes Haitianos, em Contagem e com um grupo de haitianos residentes em Betim e Contagem, a partir do qual definiu-se, por demanda deles, que escutássemos três famílias e, a partir daí, o trabalho empírico seria reconstruído, como foi feito. Adicionalmente, tínhamos a preocupação de propormos uma relação de troca, para além da pesquisa, onde eles pudessem também usufruir de nossa presença e conhecimento. Isso foi ao encontro de um incômodo vivido por eles, por estarem sempre sendo pesquisados, sendo alvo de interesses científicos, sem uma efetiva contrapartida para com suas necessidades concretas.

Traremos, aqui, parte das referências teóricas sobre a migração, conhecidas por nós e, em seguida, alguns dados empíricos encontrados. Esta pesquisa continuará neste ano de 2019, nos termos de um Probic- Fapemig e empenha-se em avançar na investigação, aprofundando nas bases teóricas associadas aos dados empíricos já existentes e a novos vivenciados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Muitos são as perspectivas e seus conteúdos que tratam da temática Migração, que vem crescendo progressivamente em termos de interesses em pesquisas multidisciplinares e de suas publicações decorrentes. Este referencial teórico está organizado em dois subitens: aspectos motivacionais sobre a imigração em geral e sobre a imigração haitiana para o Brasil, em especial, em Minas Gerais, acrescentando-se algumas leis brasileiras promulgadas. Em seguida, iniciamos aproximações entre os conceitos de territorialidade, à luz da geografia de Milton Santos, e de subjetividade, entendida como uma construção dinâmica e dialética entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo (LIMA, sd.; LANE, CODO, 2012). Por questões de espaço, optamos por não discorrer sobre os serviços públicos de saúde, educação e trabalho, que constam no referencial da pesquisa, para priorizarmos alguns dados empíricos encontrados.

2.1 A imigração haitiana para o Brasil: dados conceituais e gerais

Ao se analisar a história da imigração, em diversos momentos da humanidade, entende-se que os deslocamentos de pessoas pelo mundo sempre existiu, sendo decorrentes de diversas razões tais como as guerras, as perseguições políticas, religiosas ou culturais; a necessidade de trabalho e/ou estudos na vida dessas pessoas, normalmente excluídas, de alguma forma, do sistema em que viviam, levando-as à situações de fome, miséria ou mesmo de falta de liberdade para ir e vir e exercerem suas potencialidades. No entanto, segundo Martine (2005), esses fluxos imigratórios vêm se intensificando nas últimas duas décadas sob grande influência da globalização.

Historicamente, as guerras por conquistas territoriais ocasionaram a formação de colônias, novos sistemas políticos e novas formas de gestões administrativas, que atingem o modo de viver das pessoas residentes nos territórios conquistados. A História nos mostra que os grandes fluxos migratórios estiveram sempre relacionados com os processos históricos relaci-

onados a conflitos geopolíticos (religiosos, econômicos, culturais) de grande alcance social, provocando profundas transformações nas sociedades ou grupos envolvidos. (MAYER,2000)

A crise econômica global de 2008 afetou fortemente o cenário econômico mundial, aumentando a pobreza e as formas de exclusão social e econômica, atingindo o desenho dos fluxos e destinos das correntes migratórias tradicionais, que ampliaram-se para territórios outros que não a Europa e a América do Norte. Neste processo, países de economias emergentes, como o Brasil, passaram a fazer parte dessas rotas migratórias (MARINUCCI; MILESI, 2010), o que explica, em parte, o interesse dos haitianos pelo nosso país.

O Haiti é um país que sempre enfrentou grandes crises e dificuldades humanitárias, e desde 2004 vem sofrendo com catástrofes naturais, má gestão política, déficits econômicos graves e o acirramento das desigualdades sociais, como é exposto por Silva e Lima (2016):

> Desde 2004, devido à turbulência política, a ONU mantém no Haiti uma força de paz composta de nove mil soldados dos quais pouco mais de mil são brasileiros. Para piorar toda a situação, em maio de 2004 fortes chuvas desabaram no Haiti, afetando mais de 16 mil pessoas e causando danos também na agricultura e no ecossistema. Em setembro de 2004, o Haiti foi novamente assolado com a passagem do furacão Jeanne, onde 300 mil pessoas foram atingidas. (p. 169).

Em 12 de janeiro de 2010, o país é novamente surpreendido por um terremoto de dimensões catastróficas no centro da Península, afetando drasticamente a capital Porto Príncipe, seus principais edifícios, hospitais, instituições, levando a uma destruição jamais vista. Isso agravou ainda mais as situações, já instaladas, de fome, de doenças, de miséria e de exclusões. Um país marcado por déficits de recursos econômicos, que dificultam até hoje sua reconstituição física e política. Como exemplo, o setor educacional revela um índice de 47% de analfabetismo da população. O acesso a escolas e a universidades só acontece mediante recursos financeiros, pois estas não são totalmente gratuitas, mesmo que sejam chamadas de “escolas públicas”. (SILVA E LIMA, 2016)

A intensificação da rota para a América do Sul acontece não só por influência do terremoto, mas também pelas políticas de restrição burocráticas às práticas migratórias impostas, pelos Estados Unidos e pela França, aos imigrantes caribenhos (SILVA, LIMA, 2016). Em contrapartida, países como o Brasil apresentavam um aprimoramento na sua política migratória, facilitando-lhes o processo de entrada, conforme nos mostra a diretora do Instituto Migrações e Direitos Humanos, Rosita Milese, em uma entrevista sobre o assunto:

> [...]O processo de deslocamento por via aérea parte da República Dominicana e tem como destino o Equador ou o Peru. Como estes países não exigem o visto para haitia-

> nos (o Peru introduziu a exigência de visto para haitianos em janeiro de 2012), estes migrantes não encontravam dificuldades na entrada. Depois, por trajeto terrestre ou fluvial, chegam à fronteira do Brasil, em diferentes pontos. Tabatinga, Assis Brasil, Brasiléia são os mais frequentes. Em alguns casos, em lugar de se deslocar à fronteira com a região Norte, o menor trajeto, chegam pela região Centro-Oeste, entrando por Corumbá, por exemplo. As escolhas dependem das facilidades de transporte, possibilidade de entrar no território do Brasil e, em muitos casos, interesses e estratégias dos "coiotes" que atuam neste trajeto. (Informação verbal, MILESE, 2012)[5].

Do ponto de vista da legislação brasileira, destacamos alguns marcos legais importantes que posicionaram o Brasil dentro de uma política nacional migratória, mas igualmente, de alguns retrocessos ocorridos nos últimos dois anos.

Em 2012, o Conselho Nacional de Imigração, no Brasil, promulgou a Resolução Normativa de nº 97 que estabelecia aos haitianos, que já residissem no país, o direito de permanecer no Brasil por um prazo de cinco anos, circunstância esta que constará na sua Cédula de Identidade. Em contrapartida, eles deveriam, dentro deste prazo, declarar sua situação atual e refazer o pedido de "convalidação de sua permanência no Brasil, com a expedição de uma nova Cédula de Identidade de Estrangeiro", conforme o Artigo 3º desta normativa. Vale acrescentar que esse procedimento facilitou bastante àqueles que aqui já estavam, uma vez que a regra existente, até então, era de voltar à capital Porto Príncipe para solicitar o documento de visto de permanência. Em 11 de novembro de 2015, o então governo brasileiro disponibilizou uma facilitação, quando sanciona a lei 2.516/15, garantindo direitos permanentes para imigrantes haitianos.

Regido sob outra lógica política, em 24 de Maio de 2017, o então Presidente da República, Michel Temer, sancionou a nova lei de migração, de Número 13.445/17, facilitando e unificando os processos de legalização. Com esta, após dois anos de permanência no Brasil, os beneficiários do visto temporário devem solicitar a autorização de residência caso queiram prolongar sua permanência.

Reiterando nossas percepções iniciais acerca dos motivos que fazem os haitianos migrarem para o Brasil, os dados contidos no PUC Minas RDSIH-RMBH (2016, p. 28) nos mostram que "... o trabalho é o maior motivo pelo qual os haitianos optaram por migrar para o Brasil." Além desta necessidade, outros fatores são somados como a presença de uma política nacional favorável à migração, com amparos legais mais simplificados e ainda a grande extensão do nosso território, representando uma maior expectativa de oportunidades.

Neste movimento e, de uma maneira geral, os imigrantes haitianos buscam por polos mais desenvolvidos na esperança de encontrar emprego e, por meio dele, melhores condições

[5]Entrevista concedida à revista Instituto Humanista Unisinos, Rio Grande do Sul, 18 de janeiro de 2012.

de vida. Esta informação é reiterada pelos dados obtidos no Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Minas Gerais (2014), apresentados pela pesquisa realizada pela Coop.UnivLivre DMRMG (2017). Segundo estes dados, existem 5.840 imigrantes que adentraram por qualquer uma das unidades federativas do país. Aproximadamente 50% dos registros foram feitos em São Paulo, fazendo deste Estado a grande porta de entrada dos imigrantes. Minas Gerais ocupa o segundo lugar, com 28,1%, enquanto o Rio de Janeiro fica com o terceiro maior número de registros no país, com 11,6%. Juntos, os três estados da região sudeste representam quase 90% das entradas dos imigrantes, principalmente no ano de 2014.

É importante ainda, investigar os impactos que a imigração pode trazer e representar para a sociedade brasileira, como a perspectiva de oferta de mão de obra para compor a força de trabalho no mercado brasileiro (FERNANDES, RIBEIRO, 2014) e a perspectiva da aprendizagem e do desenvolvimento cultural, decorrentes da convivência com outra etnia (FERNANDES; CASTRO; RIBEIRO, 2014).

Diversos são os argumentos que compõem perspectivas distintas sobre o assunto. Pode-se analisá-lo do ponto de vista da sociedade que os recebe e os acolhe e, neste âmbito, os argumentos desenham um cenário nada simples; bem como analisá-lo sob o ponto de vista do imigrante, sua experiência social e subjetiva num dado território, marcada por rupturas, exclusões e necessidades prementes de reconstrução.

Muitas questões atravessam essa realidade de imigrantes e de refugiados, tais como a inserção e adaptação à nova cultura, à língua, a falta de acolhimento e a ausência da família e de pessoas significativas, angústias e traumas vividos, a dificuldade de encontrar emprego e a instabilidade material e psicológica, entre outras rupturas e incertezas.

2.2. Territorialidade e subjetividade

Um dos impactos que os imigrantes sofrem, ao chegarem em outro país, está relacionado à possível perda de suas bases identitárias, como valores, referenciais éticos e morais, laços afetivo-familiares, laços sociais como o do trabalho e tudo o que ele representa na constituição subjetiva, a própria língua, entre outros suportes simbólicos fundamentais. Sendo assim, podem ocorrer rupturas e descontinuidades dessas experiências, que são históricas e determinantes aos processos subjetivos. Sabemos que nossa subjetividade é formada por vivências que envolvem as micro células sociais como a família, a comunidade, o trabalho, a igreja, etc., ou seja, entidades formadoras de processos subjetivos e a “compreensão do “mundo interno” exige a compreensão do “mundo externo”, pois são dois aspectos de um mesmo mo-

vimento, de um processo no qual o homem atua e modifica o mundo e este, por sua vez, propicia os elementos para a sua constituição psicológica (GONÇALVES, 2007).

Milton Santos (2006, p.222) explica que "Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja a memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação", fazendo-o sentir-se fora deste contexto, um ser à parte. Este estranhamento está na base do processo de desterritorialização, segundo o autor.

Conforme explicitado por Haesbaert (2004), a territorialidade é um processo simbólico, de apreensão de uma imaterialidade relacionada às questões subjetivas, como os modos de produzir sentido à realidade vivida, a cultura local perpetuada cotidianamente ,sendo uma percepção abstrata. Já o conceito de território refere-se a algo material, concreto e localizado geograficamente num espaço. Portanto os conceitos se interligam, na medida em que a territorialidade se faz presente num contexto concreto, o território. Neste sentido, pode-se entender que a desvinculação dos haitianos do seu território, não se aplica necessariamente à desvinculação de sua territorialidade, pois, esta se encontra vinculada a sua história, base de sua subjetividade.

O novo território traz uma nova realidade e com ela, coisas novas que o imigrante precisa apreender, sem nunca lhe ter sido ensinado (SANTOS, 2006). Interessante pensar que ele o fará também com sua própria régua de valores, percepções, afetos e razões. Muitos são os impactos culturais e identitários, mas a necessidade radical da vida lhes possibilita novas identificações e laços identitários.

Pertencer a um "território passa a ser lugar privilegiado de memória, e de encontro dos migrantes com espaços (interiores e públicos) de procura de manutenção da tradição e, ao mesmo tempo, de reinvenção de si" (LECHNER, 2007, p.83).

Arduini (2002) complementa que "o outro" assume um papel crucial na constituição subjetiva e identitária, por isso não pode ser tomado como um termo genérico e neutro, desconsiderando sua alteridade e humanidade. Segundo ele, aí se encontra a origem do estereótipo e do pré-conceito.

O assunto também pode ser explorado sob a perspectiva do país e dos cidadãos que recebem os imigrantes. Na evolução etimológica, a palavra estrangeiro significa "o que é de fora", e é assim que o estrangeiro pode ser visto, como aquele que invade, que ocupa e ameaça o lugar do nativo (RESENDE, 2013). Mas ocorre também um processo dialético entre culturas, influenciando criativamente na criação de outros costumes, hábitos religiosos, na culinária local, nos comportamentos e no cotidiano em geral (CORACINI, 2003).

Compreende-se, assim, que este processo subjetivo identitário só se faz possível a partir da interação do indivíduo com o meio, constituindo-se em um ser social, humanizado pelas atividades que constrói e reconstrói na vida e por isso a importância das determinações vindas do campo dos direitos humanos, das políticas públicas e de suas institucionalizações, por meio de dispositivos diversos.

3 METODOLOGIA

Ao investigar a vivência sobre o deslocamento migratório dos haitianos vindos para a cidade de Betim, aspiramos capturar os processos e impactos psicossociais desta experiência, configurando-se um objetivo de cunho qualitativo e descritivo, na medida em que se coloca o foco nas percepções e experiências objetivas e subjetivas dos sujeitos decorrentes desse processo de rompimentos e reconstruções (LAKATOS; MARCONI, 1996, 2012; LUNA, 2009).

Após um semestre de pesquisa bibliográfica e visitas e conversas exploratórias realizadas em uma Unidade de Saúde, no Bairro Marimbá, na Ong APSSEMG e junto a imigrantes, passamos para a pesquisa empírica, cujo projeto, inicialmente, previa a realização de grupo focal (KIND, 2003) com os haitianos, acompanhado de entrevista semiestruturada (LAKATOS; MARCONI, 1996, 2012; LUNA, 2009), além de conversas exploratórias para sondagem junto aos serviços de saúde, de educação e de orientação e promoção para o trabalho. Entretanto, alguns dados já se revelaram, dificultando esse plano metodológico. Em Betim, inexistia, à época, uma política minimente organizada ou atuante para imigrantes e, por isso, os serviços de saúde, por exemplo, sequer identificavam esta população. Como efeito disso também, a APSSEMG, que realizara um importante trabalho de conscientização e orientação sobre os processos de saúde - doença a esta população, elaborando cartilhas, encontros, palestras e orientações, com financiamento do Ministério da Saúde, inclusive, encontrava-se com suas atividades bem reduzidas, em função de cortes do governo federal. Isso nos fez direcionar nossas ações para os imigrantes haitianos, deixando de lado os serviços, a princípio. Conversando com um grupo deles, eles tiveram a ideia de escutarmos três famílias, por meio do qual demandas mais específicas poderiam surgir e conseguiríamos, também, apreender sobre suas vivências, cumprindo nossos objetivos. Foram realizados 6 encontros com cada família, semanalmente, sempre nos fins de semana, sendo uma dupla de alunos em cada. As supervisões eram semanais e incluíam também a perspectiva clínica da intervenção psicossocial, trabalhando com os alunos o desenvolvimento de habilidades como a da escuta (orientada para a construção da implicação subjetiva), a da observação, a do acolhimento, a do enca-

minhamento e orientação. Na prática, não conseguíamos juntar a família, era sempre um mesmo representante quem nos recebia e se colocava disponível e a quem demos nomes fictícios.

Estas famílias eram residentes na divisa dos municípios de Betim e Contagem. Importante dizer que Contagem apresentava, à época, uma política mais organizada para esta população, por meio dos serviços públicos junto às escolas, aos postos de saúde, de iniciativas culturais da Prefeitura com Universidade (PUC Minas) e com outras entidades locais.

Outra técnica associada às visitas às residências das famílias foi a observação participante, que implica na observação *in locu* da realidade social sempre permeada e construída pelo diálogo e pela espontaneidade das ações e relações onde acontecem (GIL, 1999; GUERRIN et al,2001).

E por fim, na análise dos dados, estamos aprendendo a trabalhar com a análise de conteúdo (BARDIN, 1977), trazendo os dados de maneira descritiva e analítica e buscando responder a algumas de nossas perguntas iniciais.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS ENCONTRADOS

Conforme posto no item acima, os caminhos metodológicos foram parcialmente alterados e o trabalho se deu junto a três famílias de haitianos, residentes na região entre Betim e Contagem. Isso trouxe duas perspectivas associadas, que julgamos bem interessantes ao nosso aprendizado: a da intervenção numa abordagem também mais clínica, sem contudo, alterar nossos objetivos iniciais. Realizou-se visitas semanais às casas de Francisco, Rafael e de Maria, no período de outubro a dezembro 2018, com o propósito de que eles pudessem organizar e relatar suas experiências de vida no Brasil, suas expectativas, os caminhos de ação que eles vêm construindo, em que medida são amparados ou não pelos sistemas públicos de saúde, educação e de trabalho. Como todos estes elementos compõem dialeticamente a dinâmica psicossocial da vida dessas pessoas, descreveremos os primeiros achados separados em breves casos e, se necessário, outras informações serão associadas.

Um dado que já aparece desde nossas investigações iniciais com profissionais envolvidos na causa da imigração e de Direitos Humanos, em Betim, reiterado pelos Relatórios de pesquisas utilizados, e que vai se revelando mais consistentemente é que Betim não possuía à época, nenhuma política pública para imigrantes. Estes não recebem nenhum tipo de acolhimento ou referência pública pra se orientarem inicialmente e, quando precisam, utilizam de

serviços de outras cidades da região, principalmente Contagem. Inclusive tivemos dificuldades de localizar essas pessoas no município de Betim.

Do ponto de vista dos fatos que foram determinantes na vida destas pessoas para virem para o Brasil, o desastre natural do terremoto foi um fator decisivo, em função da ampla destruição das instituições, das estruturas públicas e privadas e da crise econômica já instalada, dificultando ainda mais a recuperação rápida do país. Estes fatores foram associados a questões particulares da vida de cada um que reiteraram a decisão pela migração. Outro fator a se somar é a presença de algum parente já no Brasil, dando-lhes coragem e amparo psicológico.

Rafael, 36 anos, solteiro, não tinha parente aqui, mas tinha uma vontade de viver em outra cultura; além de ser advogado e pedagogo. Após a morte do pai, assume o lugar de provedor de toda a família. Naquelas circunstâncias do país, o Brasil representava a perspectiva de melhores trabalhos, renda, auxílio à sua família e realização de um papel simbólico importante. Ele é presidente da Associação dos Imigrantes Haitianos, em Contagem, trabalha na educação infantil numa escola pública da cidade, auxiliando na adaptação da língua crioulo para o português, por meio de contrato temporário. Também atua como voluntário junto à população de rua da cidade e é professor particular de francês. Rafael conseguiu trazer duas irmãs e, após 5 anos aqui, trouxe sua mãe, seu maior sonho. Entretanto, a mãe já idosa, não se adaptou e preferiu voltar para o Haiti. Isso o colocou numa tristeza profunda, meses de exclusão e desânimo, dos quais vem se recuperando mais recentemente com a ajuda de amigos, brasileiros e compatriotas. Recentemente, Rafael abriu um espaço cultural-restaurante-bar de culinária e tradições crioula, onde se come e se fala várias línguas. Foi ofertado auxilio por meio de possível acompanhamento psicológico, caso sentisse vontade, mas parece que seus caminhos ainda não contam com este recurso. Uma de suas irmãs trabalha com penteado de cabelo, num pequeno salão improvisado na casa e a outra cursa Relações Internacionais na PUC Minas, sendo atuante em eventos culturais. Ele mostrou-se bem fechado às nossas tentativas de intervenção e, por vezes, disse não descartar a possiblidade de se mudar do Brasil buscando outro país para residir.

Maria é mãe de 4 filhos de 17, 13, 9 anos e um recém-nascido, brasileiro, com 8 meses de idade. Ela era enfermeira no Haiti e filha de médico. É casada com Anderson, que trabalhava no Haiti como soldador. Seu primo, que aqui já morava, incentivou para que viessem. Inicialmente veio Anderson (2011) e dois anos após, veio Maria e, em seguida, seus três filhos. Anderson não encontrou trabalho como soldador e atualmente é assistente de pedreiro, ganhando um salário mínimo e gostaria de voltar ao seu ofício. Conseguiram vir para o Brasil com a ajuda de familiares e vendendo o que ainda tinham por lá. Maria empregou-se, inicial-

mente, num frigorífico e após experiências de agressão física e moral, preconceitos e xenofobia, preferiu sair e cuidar para cuidar dos filhos. “Eu tinha três gerentes e em estrangeiro, todo mundo manda. Pediam para eu fazer tudo; lá ninguém respeita estrangeiro. Eu fiquei lá porque não tem emprego no Brasil” (sic). Relata sobre a falta de reconhecimento dos funcionários, principalmente estrangeiros e que as pessoas têm medo de falar e de perder o emprego. Ela mesma viveu isso, ao sofrer uma agressão física de uma colega de trabalho e ouvir do chefe que “devolvesse na mesma moeda” (sic), respondendo-lhe, amedrontada: “sou apenas estrangeira, não posso falar nada” (sic).

A vinda do quarto filho surpreendeu Maria, que alegou não poder usar preservativos porque o Vodu, a religião deles condena tais práticas. Sobre os serviços de saúde utilizados por eles, Maria elogia todas as experiências junto ao SUS, principalmente no Hospital Municipal de Contagem, onde fez o acompanhamento de sua gravidez, marcada por uma pré-eclâmpsia e um parto precoce. “Tudo ótimo” (sic) nos diz. Foram atendidos de forma eficiente, haviam profissionais capacitados e não houve diferenciação de tratamento dado a ela: “tratava estrangeiro igual a brasileiro” (sic). Na rua onde moravam no bairro Kennedy, há uma Unidade Básica de Saúde, que utilizavam quando necessário.

Percebemos que a família vive com muitas dificuldades financeiras, agrega outros parentes que chegam e mudaram-se recentemente para Esmeraldas, onde conseguiram comprar uma casa precária. Após uns meses, recém-chegados, foram vítimas de um golpe, ao tentar comprar uma casa.

No Haiti, a educação dos três filhos era particular e um costume local é punir fisicamente as crianças, que não estudam. Ana, a filha de 17 anos, que concluiu o segundo grau aqui, e busca por uma oportunidade de trabalho, espanta-se com o tratamento dado aos professores pelos alunos: “vi que os alunos desrespeitam os professores” (sic). Também alega já ter visto, no Haiti, alguns conteúdos que foram dados no ensino médio aqui, insinuando certo atraso na formação.

Francisco tem 31 anos e veio, em 2015, de avião para o Brasil, o que lhe custou muito caro, pois além da passagem, precisou pagar propina para obter o visto e chegar legalmente. Sua namorada haitiana já morava aqui, hoje sua esposa. Veio fugindo da fome e da destruição e em busca de oportunidades melhores de trabalho e renda. Possuem um filho de 3 anos? Francisco é matemático, vem se qualificando por aqui e trabalha numa empresa de logística, num cargo administrativo e se sente sobrecarregado, realizando funções de outro profissional, o que tem lhe trazido alguns sintomas de cansaço, irritabilidade e relata temer perder o controle. Fala-nos enfaticamente dessa sobrecarga e das contradições da organização do trabalho.

Também percebemos que ele se cobra muito, traz muito para si as atividades, que nem sempre são só dele, centralizando-as. Demos alguns feedbacks a respeito, auxiliando-o a perceber isso e a refletir. Os encontros deram um certo foco a tais questões, porque ele trazia muito sobre suas dificuldades laborais e seu sentimento de não reconhecimento no trabalho. Porem manteve-se aberto para outras questões que ele quisesse. Foi ofertado o serviço do Núcleo de Psicologia da PUC Betim, com um encaminhamento específico ao Serviço de Atendimento Integrado ao Trabalhador, caso quisesse. Sua esposa não quis participar e as conversas foram individuais e lhe trouxeram algum alívio momentâneo, quanto as experiências no ambiente de trabalho. Ele possui o plano de saúde corporativo, mas já utilizou dos serviços do SUS, não tendo tido uma boa experiência: acompanhando uma prima da esposa, eles viveram mal atendimento e descaso por parte dos profissionais.

Sobre experiência de buscar trabalho, todos eles relatam não ter usufruído de nenhum dispositivo do governo como o Sine, por exemplo, para se inserirem. Realizam suas buscas diretamente, “de porta em porta” e também por meio da rede de haitianos que mantêm.

Em geral, eles possuem formação técnica e profissional superior, como em medicina, enfermagem, matemática, advocacia, pedagogia, técnico em soldagem, entre outras ocupações, porém sua formação e experiência no país de origem não são significativas no mercado de trabalho brasileiro, uma vez que são empregados em áreas e funções diferentes de sua qualificação, normalmente em subempregos, sendo mal remunerados e desvalorizados. Este dado aparece também nos relatórios estudados PUC Minas RDSIH-RMBH (2016) e Coop.UnivLivre (2017), entre outras referências utilizadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos avaliar a experiência dessa pesquisa, que se inicia, como muito positiva, tanto do ponto de vista teórico descobrindo autores, pesquisas e pensamentos interessantes sobre a imigração, quanto do ponto de vista empírico, com as famílias de haitianos. Percebemos que essas visões se aproximaram. Um exemplo, foi poder identificar, nos relatos, a relação forte da materialidade da vida com a subjetividade. A associação dos conceitos de territorialidade e território com o de subjetividade é um desafio para nós, merecendo maior aprofundamento. Também algumas análises sob o ponto de vista da saúde mental dos imigrantes, que queremos incrementar daqui para frente, com artigos já identificados.

Outro aspecto extraído dos relatos e que achamos interessante para estudar mais é sobre a reprodução de relações de poder e de gênero. Duas mulheres haitianas que conhecemos[6] viveram experiências de trabalho de maior invisibilidade (serviços gerais, produção...), de preconceito com a cor e pelo fato de serem mulheres, de desvalorização, desrespeito e esse fato não pode ser desconsiderado na nossa análise. Já os homens relataram não ter vivido experiências de xenofobia e preconceito. Isso aumentou nossa curiosidade. Como entender essas percepções distintas? Como pensar a relação entre gênero e os discursos das experiências vividas? Maria, com sua percepção feminina, parece reconhecer com mais facilidade as experiências de falta ou os furos das suas vivências, enquanto Francisco e Rafael apresentam um discurso mais fechado e mais afirmativo, mais apegado a um saber que não pode estar desestruturado ou incompleto.

Sabemos também que as relações de trabalho determinam muito daquilo que vivemos e isso explica o "descontentamento" que o imigrante pode sentir, pois, além das questões econômicas que o trabalho traz, no sentido da subsistência, também é preciso dizer que as "relações de trabalho determinam o seu comportamento, suas expectativas, seus projetos para o futuro, sua linguagem, seu afeto" (LANE; CODO, 1986). Neste sentido, muito daquilo que sujeito tem como seu, como sua identidade é afetado e se vê sem referências, por vezes. Diferentemente, todos os três relatos mostram a vivencia da desvalorização desses sujeitos no trabalho, que representa um espectro da vida, mais amplamente falando, e reflete o nosso preconceito, a nossa ignorância em relação a outros povos e culturas, nossas relações de poder fundamentadas no colonialismo.

Por meio dos discursos dos entrevistados, percebemos a dificuldade com a adaptação, que ocorre pelo fato de que geralmente não se sentem pertencentes ao lugar, fazendo com que criem meios de contato com seus compatriotas, mantendo alguns costumes, tradições culturais, a língua – falam o crioulo entre eles. A Associação, coordenada por um dos entrevistados, Rafael, tem o compromisso de auxiliar os demais imigrantes haitianos na região metropolitana de Belo Horizonte. Tais redes têm o intuito de aproximação e de territorialização imaterial, numa perspectiva de se sentirem mais "em casa". Isso nos mostra a importância da função do meio social e da cultura como matriz de sentido para os sujeitos, como ingrediente constitutivo da nossa subjetividade individualmente e coletivamente. Também percebemos como o imigrante constrói e reconstrói essa rede de sentidos e significados, diante das neces-

[6] A segunda, esposa de Francisco, não conversou diretamente conosco, mas seu marido nos relatou algumas experiências dela.

sidades concretas, sem abrir mão daquilo que ele é, daquilo que ele aprendeu e valoriza, mas abrindo-se e respeitando valores e significados distintos dos dele.

Ouvindo alguns relatos deles percebemos também uma alegria de viver, uma força interior, a presença de uma postura de humildade e generosidade para com o outro que nos fez pensar em nós mesmos, cidadãos brasileiros, como somos e em que medida podemos ajudar, o que temos a oferecer, o que podemos aprender com eles e principalmente nos fez perguntar *quem precisa de quem*, socialmente falando.

Portanto, avaliamos como muito rica essa experiência tanto de se aprender a fazer pesquisa, quanto sobre este tema, tão atual e que a psicologia deve se apropriar mais. Temos muito a investigar, a aprofundar e a definir na continuidade dela, neste ano, pois as possibilidades que o assunto nos traz são muitas. Do ponto de vista empírico temos vários desafios a definir e enfrentar, como por exemplo, como dar sequência a uma convivência e trabalho mais sistemático com esses imigrantes (e outros a serem incluídos) de maneira que a Psicologia se faça mais presente na vida deles? Como enfrentar a barreira da língua, um fator crucial no processo de acolhimento e adaptação e normalmente vem sendo um grande dificultador. Devemos retomar uma investigação junto aos serviços públicos, em Betim? Em caso afirmativo, como podemos contribuir para o desenvolvimento de uma percepção sobre o cuidado voltado também para essa população. Tudo isso nos anima a seguir adiante, aprendendo, entre tantas coisas, que a pesquisa em Psicologia é também intervenção!

REFERÊNCIAS

ARDUINI, J. Antropologia: Ousar para reinventar a humanidade. 5. ed, Paulus, São Paulo: 2002.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BRASIL, Constituição (1988). Constituição: República Federativa do Brasil, Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL, Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 19 set. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8080.htm . Acesso em: 13 jul. 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde - CONASS. Sistema Único de Saúde/Conselho Nacional de Secretários de Saúde. [Internet] Brasília, 2011. 291 p. (Coleção Para

Entender a Gestão do SUS 2011, 1). Disponível em: http://www.conass.org.br/colecao2011/livro_1.pdf. Acesso em: 20 maio 2018.

BOCK, A. M.B; FURTADO,O; TEIXEIRA, A. L. T. Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia. 13 ed.São Paulo: Saraiva, 1999.

BORGES, L.M; POCREAU, J.B. Serviço de atendimento psicológico especializado aos imigrantes e refugiados: interface entre o social, a saúde e a clínica. Campinas, 2012Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29n4/v29n4a12.pdf> Acesso em: 05 de Jun. 2018.

CENTRO ZANMI, Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados. Disponível em:< http://www.cpalsocial.org/110.html> Acesso em: 20 maio 2018.

CORACINI, Maria José R. F. A celebração do outro na constituição da identidade. 2003, p. 206.

FERNANDES, D; CASTRO, M.C.G.; Organização Internacional para Migração (OIM). Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral.2014,p.158. Disponível em:<file:///C:/Users/user/Downloads/RELATORIO_PESQUISA_HAITIANOS_versao_final_27-04-14-2%20(1).pdf. > Acesso em: 21 jun. 2018.

FERNANDES, D; MILESI, R; PIMENTA, B; CARMO, V. Migração dos haitianos para o Brasil a RN nº 97/2012: uma avaliação preliminar. Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania, vol. 8 n° 8 IMDH/ACNUR. Brasília. 2013.

FERNANDES, D; CASTRO, M.C.G; RIBEIRO, C. Migração haitiana para o Brasil: Minas Gerais como destino, a fala dos haitianos. XVI Seminário sobre Economia Mineira / CEDEPLR/UFMG. Diamantina, 2014.

FERNANDES, D; RIBEIRO, J.C. Migração laboral no Brasil: problemáticas e perspectivas.Brasília,2014. Disponível em: <http://www.periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/viewFile/12955/9128> Acesso em: 17 jun. 2018.

GIL,A.C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, M.G.M. A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, A. M.B; GONÇALVEZ, M.G.M; FURTADO, Odair (Orgs.) Psicologia Sócio-histórica. Uma perspectiva crítica em Psicologia. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

GUERIN et al. Compreender o trabalho para transformá-lo. A prática da ergonomia. São Paulo: Blucher: Fundação Vanzolini, 2001.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2004.

KIND, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004. Disponível em:

<http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20041213115340.pdf>. Acesso em: 16 set. 2017.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A. Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7.ed.São Paulo: Atlas, 2012.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A.Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LANE, S.T.M; CODO, W (org). Psicologia Social: o homem em movimento. 14. ed .São Paulo: Brasiliense,2012.

LECHNER, E. Imigração e saúde mental. (In) DIAS, Sónia (org.), Revista Migrações. 2007.

LECHNER, E. Migração, saúde e diversidade cultural. Lisboa: ICS, 2009b.
Lei n° 13445, de 24 de Maio de 2017. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20152018/2017/Lei/L13445.htm> Acesso em: 25 maio 2018.

LIMA, M.E.A. Os sentidos trans-histórico e histórico do trabalho e sua importância para o psicólogo. UFMG, s/d. p.12.

LUNA, Sergio de Vasconcellos. Planejamento de Pesquisa: uma introdução: elementos para uma análise metodológica. São Paulo: Educ, 2009.

MARINUCCI, R; MILESI, R. Migrações Internacionais Contemporâneas. Sociedade em Debate. Pelotas. v.11, n. 1-2, p.13-37, dez. 2005. Disponível em: http://www.migrante.org.br/as_migracoes_internacionais_contemporaneas_160505b.htm Acesso em: 09 fev. 2019.

MARTINE, G. A globalização inacabada migrações internacionais e pobreza no século 21. São Paulo em Perspectiva. São Paulo. v. 19, n.3, jul-set 2005. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000300001> Acesso em: 09 fev 2019.

MAYER, F. A questão da migração: o caso haitiano numa relação conceitual geográfica.. Disponível em:<// www.researchgate.net/publication/305045336_a_questao_da_migracao_o_caso_haitiano_numa_relacao_conceitual_geografica_the_migration_issue_the_haitian_case_in_a_geographic_conceptual_relation> Acesso em: 23 jun. 2018.

SANTOS. M. Quarta Parte: Força e Lugar. In: Santos. M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. Cap. 14, p. 222-223.

SILVA, L.M.M; LIMA, S.S. Imigração Haitiana no Brasil: os Motivos da Onda Migratória, as Propostas para a Inclusão dos Imigrantes e a sua Proteção à Dignidade Humana. Direito, Estado e Sociedade, Rio de Janeiro, n.48, p. 167-195, jan/jun. 2016. Disponível em:

<https://revistades.jur.puc-rio.br/index.php/revistades/article/view/541>. Acesso em: 09 fev. 2019

RESENDE, J.M. Emigrante e Imigrante. Estrangeiro. Nacional e Internacional. Revista de Patologia Tropical. Goiás. V.42, n.4, p.363-364. Out-dez. 2013.

VALE, A. L. F. Migração e territorialização: as dimensões territoriais dos nordestinos em Boa Vista/RR. 2007. 293 f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/101426> Acesso em: 09 fev 2019.